# COLEGIADO DE PEDAGOGIA

**O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

# FEIRA DE SANTANA – BAHIA

**2022.1**

Anaelle Correia Silva

André Luís de Jesus Araújo

Ketley Sena da Silva

**O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia, no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob coordenação da professora Ma. Claudene Ferreira Mendes Rios, junto ao Colegiado de Pedagogia, na Faculdade Anísio Teixeira, no semestre de 2022.1.

Orientador(a): Prof Mestranda. Larissa de Jesus Pinheiro

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

2022.1

**O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Anaelle Correia Silva[[1]](#footnote-1)

André Luís de Jesus Araújo[[2]](#footnote-2)

Ketley Sena da Silva[[3]](#footnote-3)

Larissa de Jesus Pinheiro[[4]](#footnote-4)

## Resumo

O presente artigo apresenta o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os aspectos que são necessários conhecer para enfrentar as dificuldades existentes para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, refletindo sobre a prática pedagógica. Para o desenvolvimento dessa investigação realizamos uma pesquisa bibliográfica exploratória, cuja pergunta norteadora foi: quais os aspectos sobre o Transtorno Do Espectro Autista que o professor precisa conhecer para uma prática inclusiva na educação infantil? E, quanto aos objetivos, discutir e refletir os aspectos sobre o Transtorno Do Espectro Autista que o professor precisa conhecer para uma prática inclusiva na educação infantil, foi o geral e os específicos foram: evidenciar os aspectos característicos do Transtorno Espectro Autista e analisar como está sendo o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na educação infantil das crianças com TEA. No que se refere a discussão teórica, buscamos embasamento nos estudos de Brito (2015), Carothers e Taylor (2004), entre outros autores e ficou evidenciado para nós que o processo de ensino e aprendizagem das crianças com autismo é diversificado, pois cada aluno possui a sua individualidade, o que torna o processo mais delicado e um pouco mais lento, porém, isso não impede que todos aprendam.

**Palavras-chave:** TEA. Inclusão. Dificuldades. Aprendizagem. Prática pedagógica.

**Introdução**

Em 1981 a psiquiatra Lorena Wing desenvolveu o conceito de autismo como um espectro, e esse estudo mudou a forma de como o autismo é conhecido atualmente. O Transtorno Espectro Autista (TEA) é caracterizado como uma síndrome que acomete principalmente as habilidades de comunicação, linguagem, e interação social, em diferentes níveis. ( RUTTER,1978).

Assim, o nosso interesse em ampliar o nosso entendimento por TEA é por entedermos que o processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo é algo complexo e que existem muitas dificuldades no espaço educacional a serem superadas, e uma das principais é a falta de qualificação por parte dos professores e profissionais para lidarem com o processo de aprendizagem dessas crianças.

Temos conhecimento da Resolução n° 2 de 2001 que instituiu diretrizes básicas para a educação especial na educação básica, na qual consta que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo as escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

E, no transcorrer da nossa formação acadêmica percebemos, claramente, a necessidade de diminuir a distância entre o que discutimos sobre o TEA na formação e o que de fato vem acontecendo na realidade das nossas escolas. Essa realidade empírica foi vivenciada nos estágios que realizamos e a partir destes momentos formativos onde prática e teoria se entrelaçam, constatamos situações da prática pedagógica com crianças com espectro autista que muito nos inquietaram a ponto de desenvolvermos o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre essa temática, a partir da seguinte pergunta norteadora: quais os aspectos sobre o Transtorno Do Espectro Autista que o professor precisa conhecer para uma prática inclusiva na educação infantil?

Realizamos uma pesquisa bibliográfica exploratória inspirada na abordagem qualitativa, cujo objetivo prinipal foi discutir e refletir os aspectos sobre o Transtorno Do Espectro Autista que o professor precisa conhecer para uma prática inclusiva na educação infantil. E, como objetivos específicos nos propusemos a: evidenciar os aspectos característicos do Transtorno Espectro Autista e analisar como está sendo o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na educação infantil das crianças com TEA.

Quanto a fundamentação teórica para esse exercício formativo de pesquisa, nos embasamos nos estudos de Carothers e Taylor( 2004), Brito (2015), Gauderer(1985), entre outros autores, que explicam habilidades básicas para o desenvolvimento intelectual da criança com TEA.

 No que se refere aos achados dessa nossa pesquisa, sinalizamos que há estratégias para auxiliar na prática pedagógica dos professores e na aprendizagem significativa de crianças com Espectro Autista.

**Referencial teórico**

Nesta seção destacamos as principas informações encontradas sobre os aspectos característicos do autismo, as leis que favorecem, formas de como tornar mais eficaz a prática docente nas escolas de educação infantil e como estimular a aprendizagem das crianças com autismo.

 **Autismo e Legislação vigente.**

O termo autismo foi usado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler. Em 1943, Léo Kanner publica uma obra descrevendo 11 casos de autismo citando alguns pilares que descrevia uma síndrome rara caracterizada por uma série de sintomas. (BRITO,2015)

Já em 1952 a Associação Americana de Psiquiatria publicou um manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, referência mundial para estudiosos da área, manual que fornece critérios a identificação de transtornos mentais.

Atualmente as principais características do TEA se evidenciam no período de meses aos três anos de vida e um dos primeiros indicativos é a forma como essa criança se relaciona. A criança com autismo possui uma espécie de desabilidade social, não conseguindo interagir com o meio social de maneira natural, eles geralmente não gostam de companhia e preferem por muitas vezes ficarem sozinhos, apesar dessas características, esse comportamento isolado não é determinante para um diagnóstico.

Outras características bastante significativas são os atrasos na fala, dificuldade de manter empatia e contato visual, geralmente pessoas com autismo podem apresentar comportamentos repetitivos e restritivos. A criança com autismo possui uma ausência de realidade com o mundo externo, não conseguindo ter uma ligação direta com a realidade, por esse motivo é tão difícil que essas crianças interajam com outras pessoas, apresenta aparência normal e ao mesmo tempo um perfil de desenvolvimento irregular.

E, Melo salienta algumas características fundamentais para identificar uma criança com autismo:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, ás vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredio. (MELO, 2007, p.72).

Assim, ao perceber esses primeiros sinais a família deve procurar um profissional de saúde, quanto antes o diagnóstico melhor será a eficácia do tratamento e desenvolvimento da criança. Porém, em muitos casos de diagnóstico de autismo os responsáveis pela criança criam uma certa resistência em aceitar, segundo estudos, os pais quando o filho é diagnosticado com autismo costumam olhar o distúrbio com preconceito e sentimento de “anormalidade”. Eles precisam ser estimulados a compreender o espectro de maneira mais natural.

 Segundo Mercadante (2006): O diagnóstico é confirmado por um pediatra ou neuropediatra, mas pode ser necessário a intervenção de profissionais de outras áreas, como a psicologia. Além disso, é necessário um diagnóstico individualizado devido a existência de variações nos graus do autismo, podendo ser classificados como: leve,moderado e severo, e de acordo com cada grau se usa uma intervenção específica.

É importante ressaltar que estes distúrbios estão frequentemente associados a várias outras condições, pois os atrasos do desenvolvimento são comuns nas áreas de habilidades intelectuais e na maioria dos casos há uma associação à deficiência mental. (SUPLINO, 2005).

Também é fato que o número de casos diagnosticados vem crescendo e acontecendo em idades cada vez mais precoces, porém o TEA ainda surpreende, devido à diversidade de sintomas que pode apresentar como informado no documento publicado pelo CDC ( Central od Disease Control).

 De qualquer modo, os dados das estatísticas norte-americanas do CDC mostram que a prevalência do TEA duplicou em 12 anos, aumentou quase 16% apenas no período de dois anos entre 2012 e 2014, e 9%, um pouco menos, em um período de 6 anos até 2020. E, os principais motivos identificados para o aumento de casos no mundo se dá pela melhora nas formas de diagnóstico; pelo maior número de médicos especializados; pelo maior conhecimento dos conceitos e por maiores recursos ofertados.

Para Brito (2013), um estudioso na área, as causas desse transtorno podem ser resultado das seguintes possibilidades: fenilcetonúria não tratada, viroses durante a gestação, principalmente durante os três primeiros meses, toxoplasmose, rubéola, anoxia, traumatismos no parto e também pelo patrimônio genético. Nesta perspectiva ausente disfunções correlatas relacionadas a viroses ou doenças contraídas, bem como a problemas no parto, a probabilidade de influência por fatores genéticos é maior. Quanto à hereditariedade, o transtorno relaciona-se com uma combinação de genes e não com um único gene isolado.

Em 2012 foi aprovada a LEI N° 12.764 Berenice Piana, que instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA e estabelece diretrizes, assegurando o acesso à educação, ensino profissionalizante e também o atendimentomultiprofissional. E, a LEI N 13.977 de 2020, que assegura direitos aos autistas a terem uma carteira de identificação que prioriza o seu acesso e inclusão em ambientes públicos e privados, comerciais e de saúde.

**Dificuldades de ensino e aprendizagem na educação infantil**

Partindo do pressuposto de que toda criança com autismo tem direito a uma educação de qualidade de forma inclusiva, a escola deve estar preparada para incluir essas crianças acomodando-as no meio escolar, buscando atender às necessidades individuais, o que não se resume só na aceitação da criança na escola, mas nas práticas para que a mesma sinta-se pertencente do ambiente escolar.

A Resolução N° 2 de 2001, art. 10. Indica que os alunos que apresentem necessidades educacionais especiais e requeiram atenção individualizada nas atividades da vida autonoma e social, recursos, ajudas e apoios intensos e contínuos, bem como adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não consiga prover, podem ser atendidos, em caráter extraordinário, em escolas especiais, públicas ou privadas, atendimento esse complementado, sempre que necessário e de maneira articulada, por serviços das áreas de saúde, trabalho e assistência social.

Nesse sentido Carothers e Taylor (2004), nos dizem que o objetivo da educação de uma criança com autismo é o de aumentar a sua autonomia, a fim de proporcionar mais segurança para executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares.

Aliás, o início da escolarização de uma criança com autismo é desafiador pois há uma mudança na sua rotina, e para crianças com autismo mudanças na maioria das vezes não são bem vindas, existe uma dificuldade de aceitar aquela nova rotina e de interagir com as outras crianças, o que demanda muita estratégia por parte do professor.

Por isso, um ponto bem enfatizado é a importância da afetividade existente na relação de professor-aluno e a participação da família nesse processo, os professores precisam compreender as histórias de cada aluno, a fim de que ao se sentirem acolhidos tenham confiança no ambiente escolar.

E, no que diz respeito à relação entre pais e professores, fica claro que os professores devem trabalhar com as famílias para que tenham a oportunidade de sanar suas dúvidas e sobre o afastamento das crianças, percebendo que isso pode trazer benefícios não só para elas, mas também para a família, nesse sentido, a escola, professores e outras crianças podem ser muito importantes. (GAUDERER 1985).

Entretanto, uma das principais dificuldades expostas para garantir uma educação de qualidade para a criança autista são os profissionais de educação que muitas vezes não sabem como trabalhar com esse aluno, acarretando o isolamento em sala de aula, impedindo ainda mais a sua socialização. Por esse motivo, é importante que os profissionais que atuam junto as crianças com TEA busquem se qualificar sobre tudo que engloba o autismo, para desenvolverem atividades que possam incluir os mesmos, respeitando as suas limitações.

Carothers e Taylor (2004), salienta técnicas que favorecem a aprendizagem se utilizadas de maneira adequada, são elas a rotina de atividades pictográficas onde utilizam de ilustrações com desenhos e fotos a modelagem através de gravação de vídeo, são feitas gravações de vídeo da criança desenvolvendo atividades, para que outro aluno que não desenvolveu assista e tente fazer; e a integração com os colegas, que são usadas como modelos para que as crianças com TEA busque fazer.

Na realidade, sabemos que os alunos com autismo respondem bem aos sistemas organizados, com base nisso, uma estratégia bastante significativa é a que o professor organize a sala de aula para conseguir ensinar aos autistas.

Caso não seja dessa forma, muitos estímulos podem “entrar” ao mesmo tempo, causando uma confusão interna, fazendo com que o aluno não saiba o que fazer, onde ir, por onde começar, onde colocar o material, como mostrar que terminou. (SCHOLPER E MESIBOV ,1995)

Outra dificuldade corriqueira é a distração, quando eles estão em sala de aula, o sistema sensorial fica mais sensível a ruídos externos, desviam a atenção da tarefa escolar e fixa a atenção em outros objetos. Embora se distraiam facilmente, cada indivíduo manifesta a distração de uma forma, sendo assim, é necessário detectar o que causa a distração no aluno, sendo fatores visuais ou auditivos. (ALMEIDA, 2016)

Nessa pesperctiva, é importante falar sobre a necessidade de uma sala de recursos e um profissional especializado no Atendimento Educacional Especializado (AEE), para que complemente o trabalho com o professor.

Portanto, é notório que conhecer essas estratégias desenvolvidas para o tratamento de crianças com TEA são muito importantes, mas também existem outros fatores, que quando considerados, podem aumentar a eficácia terapêutica e aumentar as chances da criança autista alcançar a tão necessária independência em atividades diárias, tipo: introduzir jogos e trabalhar com as preferências do aluno, esses meios melhoram consideravelmente a eficiência das atividades.

 **Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa surgiu do interesse em analisar sobre as práticas pedagógicas que podem ser inclusivas na educação infantil, tendo em vista que existem muitas dificuldades, além da falta de qualificação dos profissionais da educação, precisamos de uma escola que trasforme a prática inclusiva.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, ancorada nos princípios qualitativos, que de acordo com GIL (2002) é realizada com materiais já elaborados, preferencialmente, artigos e livros científicos, e a investigação destes materiais permitem ao leitor uma ampla abordagem, sobre a visão de outros autores que já vivenciaram situações pesquisadas.

E, para corroborar com o nosso desenvolvimento em relação a pesquisa, trazemos as recomendações de Fonseca (2002), por nos informar que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permita ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p.32).

Porém, embora saibamos que existem vários estudos sobre a educação das crianças com TEA, não esgotam as diversas possibilidades para um olhar particular, ou seja, não são suficientes levando em consideração que existem lacunas a serem preenchidas no que diz respeito a prática inclusiva nas escolas.

Assim sendo, o que relatamos no decorrer do artigo, com base nas leituras que fizemos, consideramos relevantes pois podem auxiliar aos futuros leitores (professores), informações que contribua para a melhoria da prática pedagógica inclusiva e fomentem mais estudos.

**Apresentação, discussão e reflexão dos dados**

Identificamos através de nossos estudos que os professores juntamente com a escola e seus familiares podem conduzir o desenvolvimento intelectual da criança com autismo, garantindo o seu desenvolvimento no que se refere as suas características.

Percebemos também que o ensino superior não qualifica devidamente profissionais para o trabalho de inclusão, porém essa qualificação se torna indispensável para que o profissional consiga superar as dificuldades enfrentadas na docência com a criança com autismo.

Assim sendo, trazemos aqui algumas obras que podem ajudar na formação dos professores para atuarem com crianças com TEA.

**Quadro 1. Lista de autores que abordam TEA**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **AUTORES** | **ANO DAS PUBLICAÇÕES**  | **TÍTULOS** |
| Douglas Carothers e Ronald Taylor | 2004 | Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo. |
| Elaine Rodrigues Brito | 2015 | A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop – Mato Grosso. |
| Daniela Carla Santos Nunes | 2008 | O pedagogo na educação da criança autista.  |

Os autores socializam a ideia de que as crianças com autismo precisam ter a sua autonomia estimulada e que aparatos tecnológicos estimulam habilidades, que é necessário qualificação para trabalhar com a educação inclusiva e que é necessário respeitar as especifidades de cada aluno.

Então, promover a inclusão em sala de aula requer paciência do educador, ele tem que ser paciente, buscar apoio da família, planejar bem as suas aulas para que a criança aos poucos se adeque a sala de aula tradicional, os autores dizem também que não é possíel aprender todas as habilidades em casa e daí é necessário que seja aprendido na escola.

**Quadro 2. Concepções dos autores sobre a aprendizagem de crianças com TEA**

|  |  |
| --- | --- |
|  |  **CONSIDERAÇÕES DOS AUTORES** |
| BRITO (2015) | Para a autora, o processo de aprendizagem significativa só acontece com o fortalecimento da formação de professores. Para que de fato a educação inclusiva aconteça é necessário uma criação de rede de apoio com alunos, docentes, gestores escolares a família. Em uma turma diversificada, a autora fala sobre a necessidade de criar possibilidades para que crianças com autismo se integrem socialmente. |
| NUNES (2008) | Para a autora, o trabalho com a criança autista impõe ao profissional desafios contundentes, dentre os quais, o de lidar com a questão do tempo e a sua articulação com a emergência do sujeito. O trabalho clínico demanda do profissional, em primeiro lugar, uma tolerância com respeito à temporalidade singular que caracteriza o mundo destas crianças.  |
| CAROTHERS E TAYLOR (2004) | Para os autores, embora seja melhor ensinar as habilidades para o dia a dia no ambiente natural, isso nem sempre é possível, para compensar esse fato, expõem técnicas de pesquisadores que possuem certa eficácia com crianças com autismo. |

Quanto a essas concepções aqui evidenciadas destacamos os aspectos práticos que podem ser utlizados para estimular a autonomia da criança com autismo, os aparelhos tecnológicos que ajudam no cotidiano e o incentivo para qualificar a prática do professor a partir da compreensão do que caracteriza a criança com TEA.

 Outros aspectos referem-se ao uso da tecnologia para o ensino com TEA, os quais mostram que a tecnologia oferece recursos múltiplos de ajuda para diminuir as diferenças e potencializar o processo de aprendizagem, podendo ser considerada uma verdadeira aliada para que as crianças exerçam determinadas tarefas.

Entendemos também que o uso de vídeos são considerados como grandes aliados tecnológicos, pois, além de serem de fácil exibição, podem ser reproduzido em celulares, tvs, datashow entre outros, e também conseguem responder às características de aprendizagem das pessoas com TEA, pois proporcionam a integração de estímulos visuais.

Além desses aspectos, as concepções que embasam esta nossa pesquisa apresentam a organização e a padronização como grandes auxiliadoras para o processo de ensino e aprendizagem. Na realidade, algumas pessoas com TEA possuem uma grande dificuldade no desenvolvimento da coordenação motora, e se o ambiente escolar estiver organizado é possível uma melhora significativa em suas habilidades motoras, pois eles seguem uma rotina padronizada que lhe favorece a assimilação do conheccimento contribuindo bastante para desenvolver a escrita. Então, ficou nítido para nós a necessidade de desenvovler no professor que atua ou atuará com TEA, uma consciência pedagógica sobre um planejar cuidadoso da atividade e do material a ser utilizado. Aliás, se faz indispensável uma preparação continuada qualificada dos educadores, para que eles saibam manipular todos os materiais compreendendo as suas finalidades.

 Assim sendo, cabe destacar que todos os aspectos sinalizaado a luz dos autores com os quais dialogamos, sobre o TEA, são cruciais para a formação dos professores que trabalham na perspectiva inclusiva.

**Considerações finais**

 Discutir e refletir sobre os aspectos que caracterizam o TEA foi muito significativo para alargar a nossa capacidade de entendimento no que diz respeito a como deve ser conduzido o precesso de ensno e aprendizagem para com as crianças autistas.

Entendemos que toda pessoa que possui TEA tem direitos individuais e coletivos, tais como: direito a acessibilidade, tecnologia assistiva, atendimento educacional especializado, acompanhamento de profissionais capacitados, entre outros. Portanto, é imprescindível que as leis direcionadas para as pessoas com TEA sejam cumpridas na íntegra, elas precisam acima de tudo serem acolhidas e estimuladas não só para conseguirem alcançar o seu desenvolvimento, mas também usufruir de uma melhor qualidade de vida.

Quanto a educação para crianças com TEA, reconhecemos que o ambiente escolar é diversificado, pois existem diferentes tipos de crianças e cada uma tem as suas subjetividades e a aprendizagem da criança com TEA se dá de forma peculiar, ou seja, é necessário estratégias personalizadas de acordo com a necessidade de cada criança.

 Contudo, para atender as necessidades é preciso um olhar mais democrático por parte da escola e do professor. Identificamos também que pais e profissionais, ciente das dificuldades no campo da educação tem criado formas para intervir e colaborar com a aprendizagem, mas apesar da sua utilidade em alguns casos eles focam apenas na questão comportamental e esquecem que há outras necessidades a serem supridas, como a desabilidade em algumas áreas, como estimular os pontos fortes e trabalhar os pontos fracos.

Assim posto, compreendemos que superar as dificuldades para garantir a aprendizagem da criança autista não é uma tarefa fácil, mas se a escola, os professores, a família e a sociedade compreenderem que a educação faz da vida dessas crianças (não negar o direito) e passarem a buscar formas eficazes de fornecer-lhes o ensino, será possivel favorecer o pleno desenvolvimento e melhorar a qualidade de vida.

 **Referências**

ALMEIDA, M.S.R. Estratégias Escolares para Ensinar Alunos com Autismo. Artigo 2016. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br>. Acesso em 21 abr de 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e

BRASIL, LEI N° 13.977, DE 8 DE JANEIRO DE 2020 - Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm>

BRASIL, RESOLUÇÃO No 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001 – **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao2.pdf> . Acesso em: 01 abr 2022..

BRASIL. Decreto n. 8.368, de 02 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 3 dez. 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2014/decreto-8368-2-dezembro-2014-779648-publicacaooriginal-145511-pe.html>. Acesso em: 30 abr 2022.

BRITO, Elaine Rodrigues. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop – Mato Grosso**, Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82-91, jun./jul. 2015.

BRITO, V.M. O Aluno Autista e o Processo de Aprendizagem. Artigo 2013. Disponível em: https://pedagogiaaopedaletra.com/ o-aluno-autista-e-o-processo-de-aprendizagem.

CAROTHERS, Douglas E. ; TAYLOR, Ronald L**. Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004. Disponível em: http://www.ama.org.br/html/apre\_arti.php.

Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. São Paulo: Sarvier, 1985.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4° edição. São Paulo: Editora atlas S.A. 2002.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MERCADANTE, M. T, **Transtornos invasivos do desenvolvimento não – autísticos:Síndrome de rett, transtorno desintegrativo da infância e transtornos invasivos do desenvolvimentosem outra especificação.** 2006, Revista Brasileira de Psiquiatria, 28(sup.l), S12-S20.

# RUTTER, M. (1978) Diagnosis and Definition of childhood Autism. Journal of Autism and Developmental Disorders,8, 139-161.

#

SCHOPLER, E., MESIBOV, G. B., HEARSEY, K. **Structured teaching in the TEACCH system,** In: E. SCHOPLER ; G. B. MESIBOV (orgs.), Learning and cognition in autism. New York: Kluwer Academic/Plenum, 1995.

SUPLINO, Marise. **Currículo funcional natural: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.

WING, L. (1991) **The relationship between Asperger's syndrome and Kanners's autism. In U**. Frith (Ed.) Autism and Asperger syndrome. Cambriage University Press, 93-121.

1. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: anna\_helly@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Aluno do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: pedandreluis@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: ketleysena@icloud.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso no semestre de 2022.1. [↑](#footnote-ref-4)